

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

Um acto forte do ministro das finanças

Um dos artigos do nosso programa — A pratica que lhe dá o governo — Os funcionarios dos cafés — Os bons republicanos e o contribuinte — Os logares e os seus ocupantes

Quem tiver lido este panfleto, desde o seu inicio, conhece um dos mais repetidos artigos do seu programa:

— Em relação aos empregados publicos — escrevemos nós, varias vezes. A formula é esta: CONCURSO E FOLHA CORRIDA. Assim se eliminará mais de metade dos maus servidores do Estado.

O governo, ou antes o ministro das finanças, acaba de concordar que é assim, ao apresentar a sua lei no mesmo sentido. Cunha Leal tem duas grandes qualidades de estadista numa terra onde falha nos politicos a maioria dos predicados. E' um homem de estudo; é um homem de acção.

Tinha que pedir sacrificios bastos ao país e entendeu que, para ser ouvido, carecia de inaugurar a diminuição das despezas porque não é justo andarmos todos a trabalhar para sustentar milhares de inuteis.

Parece-me ter já contado, tambem, um caso sucedido para abitoliar a razão que me encheu quando preconisei aquela medida e a que assistiu o ministro ao pôr em pratica igual ideia. Uma tarde dessas tão cheias de luz, diluida no ceu azul, e quando Lisboa tem um ar de festa constitucional em que voejam pombos e tilintam sinos, ao passarmos á porta do *Chave d'Ouro* fomos rodeados por varios individuos, mais ou menos do nosso conhecimento, uns combatentes da rua outros que se lhes achegavam a vêr se podiam passar no *Curso* de revolucionario civil e que me perguntaram:

— Venceremos? Que lhe parece? Ora diga lá!

Julguei que iam tratar de alguma revolta em dia tão formoso, de flagrar qualquer movimento do qual não tivesse directo conhecimento e

no meu olhar fuzilou o pasmo e, devo dizer, o despeito, porque ando sempre ao par das rebeldias sejam quais forem.

Ha muita confiança em meu siso e muito desejo de penetrar na cronica à qual o historiador futuro ha de ir buscar argamassa e pedra para o seu muro monumental. Interroguei aqueles homens com cautelas, a querer fazer-me entendido e ante a nova pergunta, de tal modo fiquei indeciso que um deles explicou:

— Sim, se vencemos a nossa greve . . . A dos empregados publicos?

Devia ter passado nuvem forte no meu olhar: a nuvem da mais intensa surpresa. Pois eram funcionarios do Estado aqueles individuos, cujas mentalidades podiam ser dignas de seus cargos mas cujos rostos via sempre ali, no mesmo sitio, na *Chave*, como ornamentações do café? Jamais podia separá-los daquele interior onde ia procurar Machado Santos diariamente e no qual nunca mais entrei, após a sua morte. Empregados publicos?! E, num sarcasmo, indignado e querendo fazê-los sentir a sua falta de razão, volvi:

— Mas qual grève . . . ? Vocês já de ha muito que não vão ás repartições . . . Vivem em grève permanente; já venceram . . .

Mais adiante, na *Brasileira*, onde nunca puz os pés, o movimento era redobrado. Nesse dia deviam entender-se os grupos adversarios dos dois estabelecimentos do Rocio.

Ante uns nasceu-me a parte da formula: CONCURSO; diante dos outros a que faltava: FOLHA CORRIDA. Emquanto à assiduidade que o ministro, acrescentou, despedindo os que tinham faltado mais de 20 dias por ano sem motivo justificado, estava incluida no resto: era regulamentação do diploma a fazer, detalhado e claro, para não oferecer duvidas.

Naturalmente, a esta hora, os *bons republicanos* que receberam como pagamento dos seus tiros, dos seus vivos, ou simplesmente da sua filiação num centro, os logares de officiais de secretaria, de amanuenses, de fiscais das varias cousas infiscalisaveis, andarão em grande grita, dir-se-hão perseguidos, farão *complots* para esperar o Leal na estrada de sua casa e fuzilá-lo como traidor aos ideais. Ora vejamos, á luz clara da razão, a unica que deve alumiar o entendimento dos patriotas, quem é que maltrata a republica: se o ministro que a deseja limpa de maus empregados, se estes que teimam em mal a servir? Naturalmente, um bispo que expulsa do templo o padre vil é mais um apostolo do que o prelado que acarinha pessimos sacerdotes desacreditadores dos altares. Dignificar o que se ama é ofertar-lhe aquilo que lhe podemos dar sem prejuizo alheio. O devoto que roubasse para comprar velas destinadas a um idolo, seria alem de ladrão, sacrilego. Pois todos os que não tendo competencia nem valor, não possuindo qualidades para os cargos e faltando ainda ás suas obrigações teimam em proclamar-se sustentaculos do regimen, equivalem aos maus clericos e aos falsos devotos tão castigados em seus comicios e conciliabulos. Eles são os autenticos destruidores dos principios e da sua patria: a verdadeira *formiga branca* — o insecto roedor — do edificio republicano.

Um cidadão consciente da sua fé idealista não deve desejar ser amanuense, se mal souber assinar o seu nome e pelo mesmo motivo que um dono de *restaurant* não o aceita para cosinheiro, desde que ele seja ferrador, do mesmo modo o Estado não o pode empregar numa função para a qual não tem aptidões.

Uma das razões da grande crise deste país tem sido a governação roubar á industria e ao commercio os braços que neles se utilisavam para os fazer de pessimos funcionarios. Não ha sapateiros, alfaiates, tipografos, canteiros, ou apparecem em pequena quantidade, alteando os salarios e influindo na carestia da vida, porque o Estado portuguez — o maior inimigo do país — os alçou a seus servos, tornando-os inuteis. Pagamos duas vezes por causa desses singulares cidadãos que se dizem republicanos e são fomentadores dos sofrimentos da nação. Os seus braços immobilizados fazem-nos falta para o fabrico dos artigos de antigos misteres; nas repartições tornam-se superfluos e vá de esportularmos para o maior preço dos objectos que deixaram de produzir e para a sua inercia e sua inaptidão.

Afixavam-se, no templo do governo provisorio, grandes letreiros, pelas escadas dos ministerios, nos quais se lia: «*O Bom Cidadão, o Bom Republicano, não pede empregos*».

Dado o aumento consideravel de funcionarios do Estado, desde ha treze anos, parece que havia mais pretendentes a logarês do que sacrificados pela Ideia. Pelo menos 30000 desses cavalheiros instalaram-se nos nichos — isto é um exagero, pois a maioria não sabe sequer onde eles são — e recebem os ordenados como um preito do país ás suas pessoas inuteis, maculadas pelo cadastramento ou ainda tão vaporosas que jamais foram vistas junto de suas carteiras.

O ministro das finanças — com o seu intellecto e com a sua energia — vai emendar os êrros que se tem praticado nesta materia.

Os *Fantoches* já os tinha apontado sem outro intuito que não fosse o do estadista: servir um país onde — quasi todos — estão fóra dos seus logares. Se até ha autenticos revolucionarios e só isso — em funções de conservadores . . . nos museus e bibliotecas e suas adjacencias.

S. Julião, a das amaveis paredes

Um pacto de Libertadores — O rancho, caldo de castigo — Como se agradece aos soldados a sua fidelidade — O riso amavel das paredes de S. Julião — O feijão, eis o inimigo

Parece que aí para os lados do Matadouro — veja-se o lugar escolhido — se reuniram alguns republicanos, os quais deliberaram salvar as instituições. Intitulam-se os *Libertadores* e entre as variadas pirotecnias do seu programa — onde abundam os foguetes de lagrimas — ha uma que me diz respeito. Trata-se do castigo destinado aos rebeldes da imprensa. Em todo o caso, os façanhudos cidadãos são benignos, porque dizem num dos paragrafos das suas leis:

*A prisão para todos os criminosos politicos ou de lesa-patria será S. Julião da Barra, sem garantias de especie alguma.
Comerão o rancho dos soldados e dormirão nas mesmas camas.*

Averigua-se, pela redacção do artigo, que o rancho dos soldados da Patria é putrêa tão ignobil, que só a criminosos de lesa-nação se pode dar. Obrigam-se estes criminosos a engulir o que diariamente se fornece a criaturas boas e simples que fazem o seu serviço militar.

Falaram sempre, os republicanos, na dignificação do militar, inventaram até uma categoria para êle: *soldado-cidadão*, e vai-se a vêr, desde que um mancebo entra nas fileiras dá-se-lhe a comer porcaria de tal ordem, que, na sua colera, a destinam aos traidores. O grão com macarrão e o feijão com arroz, as castanhas piladas com nabiças e o *casqueiro* do rancho, fornecido pela republica aos seus soldados — pobres deles! — tem lasquinhas de chavelho, tempêro de acido prussico, mólho de beladona, sim; porque doutra forma não se comprehende que se dê como punição aos inimigos, o mesmo que se dá hoje, como refeição aos galuchos.

Avisados, assim, os *taratas*, de que estão sendo envenenados lentamente, daqui os convido a um movimento feito no sentido de substituir a marmita das entoxicações farinaceas pelo bom cozido à portuguesa, o qual me comprometo a mandar cosinhar, após a victoria.

Tendo merecido, dêste modo, por tão sentida proclamação, o epiteto de inimigo das instituições, o meu lugar é em S. Julião da Barra.

E deliro!

É que no mesmo dia em que os homens dos misterios do Matadouro proclamavam a necessidade do internamento de semelhantes culpados na vetusta fortaleza — da qual, diga-se em honra das suas muralhas, fugiram ha pouco doze presos — mais uns dez enclausurados se escapuliram tranqüilamente, por um buraco, como respondendo aos que acreditam na fidelidade do velho forte.

No verão, é toleravel, apetece, forma uma magnifica estação, salina e diante dos horisontes vastos que de lá se avistam, das aguas perturbantes de luz, os pobres encarcerados gosam magnificencias, abeberam-se do descanço, teem o ar de quem frue as vantagens dos ricos. É preferivel S. Julião ao lôbrego dalgumas oficinas.

Mas vem o inverno; as ondas batem, enfurecidas, contra as paredes; a chuva, fustigada pelo vento humido, alaga as esplanadas e o mar cõr de cinza, sob o acinzentado céu, gera neurastenias, vibrações de liberdade, precisão das luzes dos cafés, dos conchegos citadinos. Pelas estradas visinhas passam os carroções, conduzindo para Lisboa as mobílias dos banhistas que retiram de Cascais, dos Estoris, da Parede. E, então, ante a nostalgia, os presos deliberam partir tambem. Despedem-se uns dos outros; os que ficam prometem ir encontrá-los em breve e, à noite, feitas as malas, saem. Saem? Dir-me-hão, com pasmo, os que me leem. Mas saem, como? Solicitando das paredes da fortaleza, onde os Libertadores do Matadouro nos querem meter, que os deixem passar. É uma questão de delicada atenção com as historicas muralhas, uma venia, uma caricia, e aparece sempre, sob os dedos do detido, uma abertura, um buraco, uma janela, como se elles fossem varinhas magicas.

S. Julião — o baluarte com que contam os republicanos — pertence aos seus inimigos. É para elles que esgarça as suas passagens, a sua boca de riso arravel.

E os soldados? Sim, os guardas, os vigilantes, a tropa?

Realmente a interrogação é importuna, depois de se saber que estão todos envenenados com o rancho, com o caldo de castigo que os do Matadouro querem fazer ingerir aos culpados.

Dão veneno aos rapazes e querem-nos fieis! Pois sim! Em cada feijão encarnado da republica vêem elles o inimigo com seu barrete frigio e seu explosivo. Ainda por cima, diz-se que é o sr. Brito Camacho quem mexe agora a panela governamental! oh! desdita das desditas!

O professor Ginestal e "mestre" José Julio da Costa

**Um perfil de pessoa ordeira — Trocaram o senhor presidente? — O medo dos democraticos —
— O assassino e os seus protectores — Do apito á pistola**

O senhor presidente do conselho é um homem placido, ordeiro, que jamais usou revolver e até talvez fosse partidario do apito. Tivemos occasião de o ouvir varias vezes e de saber que manteve seus creditos em Santarem, quando da revolta chefiada por Alvaro de Castro e Cunha Leal. Ninguem se pronunciava pela ordem, junto do Alto Comissario, com mais amor do que o actual chefe do governo, poucas palavras condenatorias foram escutadas, no Cartaxo, mais vibrantes que as do sr. Ginestal Machado. Compreende-se. Cidadão pacifico, pesado, tendo deixado os cursos marciais pelo professorado, preferindo o odor da papelada ao da polvora, o canto erudito duma loja de alfarrabista a um convez, demônstrou, logo na mocidade, o seu pacifismo, o seu protesto contra os desordeiros. Devia palpar frequentemente o seu apito nas travessias da Baixa quando recolhia ás 10 e meia, consoladamente, depois duma cavaqueira, no Caldas, indo ao seu chásinho e ás reflexões calmas.

Pertencendo ao partido dissidente, não entrou nos trabalhos secretos contra João Franco; deviam repugnar à sua construtura moral, ao feitio burguez e grave, amigo do socego, essas balburdias com tiros e clamores.

Republicano, nunca ninguem o viu com os arruaceiros e constando que se entendera com os conjurados de Santarem para uma acção comum é no Cartaxo que aparece para lançar o seu protesto. Logo, não houvera o menor pacto com os correligionarios, o que se deixe aqui como um ponto historico melindroso.

Largos anos se passaram sobre os dias em que isto succedeu e em que eu deitado sobre um capote, no sobrado de um quartel general improvisado, pensava na maneira de valer aos dois rebeldes de quem era amigo, mas por cuja derrota fizera fervorosos votos já que mais nada me era possivel praticar.

Pois bem, esse esforço do tranquilo cidadão transmudado no homem

do poder, parece não ter já as mesmas atitudes, os mesmos anseios de justiça, os mesmos desejos de entregar a boa policia os criminosos.

Senão, vejamos.

Neste panfleto tem-se pedido a todos os governos, a prisão do assassino de Sidonio Pais. Claro, que o medo nutrido pelo poder dos democraticos é tanto, que não se faz caso do que se escreve aqui e nos jornais decentes. Exigir a captura de um bandido, do matador de um chefe de Estado, é nobre missão de quem não uiva com os lobos daquele partido de traficancias e de escandalo. Pois bem; a mostrar-se a confiança que se tem no actual gabinete, os sidonistas—que ainda ha sidonistas, embora os julguem assassinados com o presidente—solicitaram a prisão do criminoso. Mais junto do governo—no Parlamsnto—o audaz deputado monarchico, senhor Cancela de Abreu, pediu, egualmente, o castigo do culpado e quando se julgava que o presidente do conselho, o homem metodico, engalochado em preconceitos, compassado e pudibundo, cidadão e professor, ia responder duma maneira clara propria de um ordeiro, de um chefe de familia, de um bondoso e honesto burguez, eis que se perde numa vaga resposta como se a mão ensanguentada de José Julio da Costa o amedrontasse.

O senhor Ginestal Machado—bem o sabemos—está diante de um dilema extranho. Ou prende o assassino de Sidonio—para o que basta dar uma ordem, pois toda a gente sabe quem o protege—e fica como um traidor á boa republica ou deixa-o em paz—como fizeram os cumplices morais do sugestionado—e passa a deformar-se aos olhos dos homens de bem.

Tenho a certeza que se em vez do matador de Sidonio, fosse de um assassino vulgar que se tratasse, o presidente do conselho não estenderia no seu leito o corpo adiposo sem a idea de que estava praticando um infamia não ordenando uma prisão. Diante deste, o caso é diferente. Não queremos dizer que se veja ilibada a sua consciencia duma vaga cumplicidade com o bandido, mas a voz que se ergue a ordenar-lhe o cumprimento de um dever abafa-a a conveniendia politica. Os partidos democratico e radical protegem um vil criminoso; o partido nacionalista acolita-os. Será preciso, enclausurar com êle, os seus protectores dos varios agrupamentos quando houver justiça em Portugal e a policia souber o caminho das casas dos amigos de José Julio da Costa lá para o norte e cá para o sul. A deformação do professor e do cidadão que se dá no sr. Ginestal—após a sua resposta á imprensa e resmungona ao deputado—aparece a nossos olhos num simbolo: imagina-se que, em vez de apito, o burguez já usa pistola.

Os acomodados

Os falsos conservadores — Comanditas monarchicas republicanas — Os factores da desordem economica — Os "Fantoques," e um artigo celebre do "Correio da Manhã," — No dia da historia progressa

As ideas expostas neste panfleto, com mais ou menos veemencia, encontraram o seu eco no proprio orgão da Causa Monarquica. O *Correio da Manhã*, sintilantemente, cobre com a sua bandeira official as frases indignadas do franco-atirador que eu sou dentro do partido.

De ha muito mostramos esses, que se dizem conservadores, levados pela ganancia ligados com os mais extremos radicaes de governo, fazendo negocios juntos, usando nos escritorios a tactica dos democraticos, seus compadres. Ainda ha pouco apontamos dois nomes de «monarquicos» tornados socios do Centro 31 de Janeiro de Santos para agradarem àqueles que lhes encham os bolsos de dinheiro.

Nesta fermentação de estrumeira voejam os moscardos; exala-se o fétido da corrupção, da ancia de enriquecer. E para isso, netos de soldados da liberdade, titulares e filhos da alta burguezia mergulham no interesse com os rebentos dos seus criados, arvorados em donos da republica. Ignorantes, falhos de character não comprehendem que o triunfo das Plutocracias, hediondas e exploradoras, como as estadeadas neste país, atrae a reacção natural e emquanto em seus palacios, em seus esplendores, em seus gosos, os idolatras do Milhão, se repotream e se riem do misero esfaliado que o serve, uma onda fera, indomavel, formidanda, avança sobre eles espreitando a maneira de não lhe deixar nem a vida. Foi assim que a historia dos grandes delapidadores se escreveu com o seu sangue.

Nós o dizemos, ha quasi um ano, aqui, semanalmente; o jornal conservador, o padrão do nosso partido, o vem corroborar numa prosa rija, viva, arrebatadora e por vezes cruel:

«Ah! que se não estivessem em jogo os interesses eternos de uma Patria comum e o pão e a vida de tantos inocentes, de tantos bem intencionados, chegar-se-ia quasi a abençoar a catastrophe expiatoria, que em breve vae esmagar nos seus chiqueiros tantos poderosos, tantos ricos, tantos «conservadores» que ahi se refastelam agora, no seu egoismo torpe de suínos — alguns associando ao sujo banquete os proprios que lhes cavam a ruina!

É assim mesmo. A catastrophe chegará, mas antes é preciso que não se deixe á solta a turba sofredora. Conduzir essa vaga, canalisá-la, é quasi impossivel mas não se torna difficil amortecer-lhe o choque.

O partido monarchico onde as ideas da nossa epoca se desenvolvem e aprimoram já não pode ter por simbolo o Conselheiro Acacio — essa tradução comprimentadeira e hipocrita do mr. Homais, da *Madame Bovary*. Precisa e deve chegar-se ao contacto com o povo, e com todos aqueles que, fatalmente, colaborarão nessa revolta — os militares do Monsanto e do Porto, expulsos do exercito e desprezados pelos banqueiros e altos dirigentes de companhias e comerciantes que figuram no *High-Life* dos nossos jornaes — as victimas de todas as extorsões sociaes, os chefes da massa proletaria — isto para que não vão pagar as honrados da propriedade, do capital, do licitismo pelos socios comprovados dos exploradores.

Os que se ligam nos negocios sujos aos adversarios são transfugas. Quero dizer que, por exemplo, alguns dos fornecedores de panos para o exercito durante a guerra, os moageiros, os armazenistas de polpa, que figuram com outros identicos, em Companhias ao lado dos politicos do regimen — os de comprovada ancia de devorar — receberão o castigo, pois é de suas bocas que saem as opiniões expostas num trecho do artigo do *Correio da Manhã* colhido ao acaso:

«Oh vós! que vos estarrecestes com um Antonio Maria da Silva, porque ele não deixava fazer revoluções — mas deixou, sem uma providencia governativa, sem um acto de moralidade, sem um gesto de resistencia, ir mergulhando o país, incessantemente, no beco sem saída que o relatorio financeiro de ante-ontem desvendou; oh vós que sistematicamente lisonjeaes, servis e compraes toda a casta de complacencias republicanas, e quando vos falam na necessidade da defesa em comum desta terra sagrada contra os bandos que a arrazam, vos declaraes com negligencia desinteressados — sentis vós emfim adejar-vos sobre a cabeça a gelida aza da fatalidade para que trabalhastes cobardemente, e vos tomará nas garras primeiro do que a ninguem?»

Não sentem cousa alguma, no meio do seu regabofe. Não veem já ás tradições nem o passado; apenas querem agenciar mais dinheiro julgando que o levarão para as covas.

Aparece um homem honrado, um monarchico ou um republicano decente, junto desses individuos, a solicitar-lhe qualquer cousa — dum logar modesto, o desconto duma letra, um pouco de capital — e ouvirá as desculpas ou as sentenças mais extravagantes.

Para um dos policias que, por amor á monarchia, perdera o seu emprego, perguntava certo magnate, ante o pedido duma côdea de pão que ele lhe fazia: «Quem o mandou meter-se na politica? Quem não tem dinheiro não tem vicios e a politica é um vicio caro.»

Assim apreciava o humilde, que tudo jogara por um ideal, aquele que mais aproveitaria do que o desgraçado na hora da Restauração.

Não hesita — este e outros — em empregar seus capitaes ao lado dos sugadores do regimen, dos tranquiernarios do Estado — porque ha republicanos dignos. Nunca se ligam aos bons, aos sãos. A sociedade portugueza não vê para onde caminha; não repara para onde a arrastam aqueles que deviam ajudar a salva-la e são os que lambem sempre as

bofas dos dominadores, repelem os vencidos, se prostram ante os presidentes do conselho chamem-se eles Alfonso ou Antonio, Duarte ou João; são os das ante-camaras, os da lacaiegem os que se associam com influentes da republica para ganharem seus capitaes na veniaga, no escandalo, na burla e no dôlo.

Mostrem a estes homens um conspirador faminto, um soldado da Causa a esmolar, um escritor digno e ousado, um jornalista probo e eles repeti-las-ão. Escaravelhos hediondos e porcos, da ganhuça só estão bem fossando na imundicie. E não vêem nada; não sentem a hora dos desditosos, dos explorados — a hora de todos nós, dos honrados — que hade chegar, embora com a fatalidade para eles, com os seus lares destrôcados, os seus entes queridos se amam alguém — esmagados na mó popular, no instante supremo e bemdito a que o povo já chama: O *revirvalho*. E não abrem os olhos. O *Correio da Manhã*, bem lhes aponta a catastrophe. Equivale a querer lavar um suino e mantê-lo longe da pócilga, do chiqueiro, como chama aos egoismos desses ricos sem caracter, ligados aos demagogos explorando a seu lado e figurando como conservadores.

Ha alguns que já nem encobrem as suas simpatias pela republica tal como existe: a da Plutocracia. Uma outra que castigasse os miseraveis da sua especie, uma tentativa honrada de governo nacional — com monarchicos, republicanos dos desagregados dos partidos, sindicalistas e catholicos — agindo em nome da nação e fustigando os bandidos das quadrilhas não lhes conviria. Eles dariam dinheiro para a contra revolução — para a do negocio — se não lhes estrangulassemos, a tempo, as aspirações.

Soceguem, porem, os crentes. A hora chegará, já tardou mais. Avisinha-se, tambem, a de se patentear ao publico os nomes dos que andam entrelaçados nas manigancias com os democraticos e nacionalistas da rapina e outros conservadores dos *High-life* das folhas monarchicas socios de centros republicanos, antigos famulos do paço em comandita com demagogos, ricassos não hesitando em defraudar a nação com o consentimento dos seus cumplices governantes, é gente para lançar desde já pela borda fóra ao mar furioso que se agita sem que eles o vejam no seu bramido e no seu impeto.

«Se a não adivinhaes — à revolução — diz o Correio da Manhã — e se não temeis ainda, é que a vossa cegueira vai além de tudo quanto a Historia narra sobre a inconsciencia das classes condenadas. Mas nem por isso deixareis de rolar com todos nós para o fundo do abismo; — e do negrume horrendo de esse inferno dantesco em que um povo inteiro se despenha, se vos não perseguir o remorso, atormentar-vos-ão, com a miseria propria, as maldições duma Patria que deverá à vossa insensibilidade feroz, mais que a nenhuma outra causa, as desoladoras desditas que a esperam!»

As classes condenadas! É assim mesmo. Vencidas no meio do seu goso feito do roubo, da traficancia, e da fome de todos os outros! As classes condenadas! É isso; mas tambem é tempo ainda de salvar algum dos seus componentes, os que sigam pelo caminho direito e saibam cumprir o seu dever quando o exijam ou, antes, desde já. Esperar a vitória para dobrarem as patas e oferecerem a corcova é seu vezo; escoucear na derrota é seu séstro. Isso acabou. Vamos limpar os hangares dos camellos que tanto servem ao senhor Teixeira Gomes, para gosar o deserto, como para o carroto de estrume nos trilhos do vale do Nilo e deste vale de miserias.

Bilhete para o ministro da agricultura

Como se baratela o pão — Propostas honestas
repellidas — O poder enorme da Moagem — A
necessidade de reagir — Pão negro, fome ne-
gra

Meu caro Vasconcelos e Sá — Não sei se te comprometo — eu, eterno rebelde — chamando-te amigo. Mas um homem que faça o que te vou aconselhar jámais poderá ficar comprometido. Se o quizerem atirar abaixo ergue-lo-ão os braços fortes do povo ao qual terá acudido.

És ministro da agricultura e depende de ti, como de todos os teus antecessores, o barateamento do pão em Lisboa. Eles acuaram como fetos diante de gigantes. É que a moagem é aquele monstro de que nos fala o padre Antonio Vieira, referindo-se à guerra. Um estadista investe com ela na opposição, lança-se em arremetidas furibundas e a maioria da imprensa faz à sua volta um silencio de tumulto. Nunca se sabem os seus pensamentos, por mais sublimes, desde que toque nos soberanos senhores de um povo.

Antigamente, quando reinava o senhor D. Miguel — que tão honrado foi — os nossos amos eram os senhores duques, os senhores condes, os senhores marechais, os senhores corregedores. Mudou-se para o liberalismo e daí para a republica e os donos voltaram com outras designações. Em vez de duques são quarenta; em lugar de condes andaram de condeças alguns deles, vendendo o pão, marechaes ainda o são porque nos mandam marchar para onde querem com o seu pão a altear de preço, sendo tambem os corregedores dos nossos bolsos que tem mais ou menos pecunia conforme eles deliberam fazer subir ou descer o alimento de seu fabrico.

Parece que uma vaga de encanto, um *pasmo*, como se diz no teu Alemtejo, faz assombrar os ministros da agricultura ante o contacto com taes magnates. São fascinadores, esses colossos da delapidção? Não sei, mas julgo que se eu fosse o ministro — dadas as circunstancias que se te oferecem neste momento — acabaria por fasciná-los ou, antes, por doma-los.

E sabes tu — oh! Vasconcelos e Sá — o que se te dá, o que se te entrega, o que se te propõe? A celebridade, a consagração, a idolatria dum povo inteiro? Então, não é de saborear, de apeteecer, de tomar em conta?

Apesar de amigo, eu não podia conduzir-te até a essas sublimidades sem o auxilio do *Diário de Lisboa* que, por sua vez, apenas vem revelar a maneira de tudo isto se conseguir em teu beneficio e serem para todos nós as vantagens do teu gesto.

Trata-se de fornecer pão barato ao povo e quem lho der jámais sairá de sua estima, apesar do que se assevera acerca da ingratição das turbas.

Ha alguém em Portugal que já ofereceu ao governo transacto a forma de vender o pão a 1600 melhor do que a Moagem — a tal singularidade dominadora — atira para o mercado a 1800. Bastava-lhe uma cousa: autorisação para importar farinha americana a qual sae muito mais barata que a das fabricas privilegiadas. E' belo, e isto de haver quem se prontifique a apresentar a materia prima tanto em conta que deixará a perder de vista os traficantes moageiraes. E' a salvação.

O ministro anterior teve uma saida colossal. Despachou favoravelmente mas... com um imposto para moagem. Quer dizer; a farinha apparecia-lhe como se fosse trigo. Decidido em nosso animo, e no de todos os portuguezes, que aquelas poderosas empresas teem muitos protectores, é necessario que não possam catalogar-te entre elles.

O pão mais barato é a concorrência, mas a farinha importada é a quebra do infame monopolio que os enriquece, os torna millionarios, os faz sair do chinelo para o automovel, à nossa custa. Depois, procedendo assim, tomando o encargo de consentir na vinda do que os americanos oferecem, é estabelecer uma corrente simpatica, e ao mesmo tempo, concorrer para um acto humano: salvar os moageiros do ataque iminente que lhes chegará aos palacios quando o movimento dos esfaimados rebentar. Vais tirar de cima deles, um pouco do odioso que pretendem, na sua cegueira, accumulár; contribuirás para que suas fortunas não sofram o sequestro — com a doutros — no dia da subida ao poder de um ditador decidido a limpar esta sociedade.

Imaginarás, talvez, tratar-se de uma fantasia de romancista, mas creê que a verdade sae dos bicos da minha pena tateadora de todos os meandros dos nossos meios revolucionarios.

Não acreditas? Tambem ninguem diria que matariam, numa combinação de odio politico, os nossos amigos, no 19 de outubro, e, eles foram chacinados. O povo ruge; os jornaes honrados apontam a maneira de se comprar o pão mais barato, os ministros recusam experimentar o remedio e passam a ser vistos como as capas dos homens condenados. Tu não os apadrinharás; a farinha americana hade vir e assim os pobres, no próximo Natal, poderão poupar no seu primeiro alimento o bastante para o barrarem de alguma manteiga. Se assim não fôr, oh! amigo! depois de tão claras propostas, o meu vaticinio não será errado. Lembra-te que a fome é negra mais negra que o pão de terceira que tem enriquecido muitos bandidos de primeira.

O Azevedo Coutinho que semeou, o Azevedo Coutinho que colhe

Duas carreiras na Armada — O heroi e o apagado — Como se triunfa e se decal — Do soldado de Moçambique ao seu alto commissario — Resposta aos amigos ingleses

Perguntam-me de Londres se o novo alto commissario de Moçambique é o heroi do Barué. Amigos britannicos, interessados em conhecer o árbitro da colonia, querem que seja elucidativo e perentorio. Respondo-lhes daqui.

Na provincia de Moçambique, como de resto em todos os territorios portuguezes, teem uns derramado o sangue e outros colhido o fruto da sua sementeira vermelha. Neste caso da nomeação do senhor Victor Hugo de Azevedo Coutinho e da acção de João de Azevedo Coutinho, na provincia, ha um equivoco por parte de alguns, e que é necessario desmanchar. Entre um perfil dum soldado combatendo e dum outro no comodismo da politica existe apenas uma similhaça de apelidos, talvez mesmo um parentesco. Todavia, João de Azevedo Coutinho é o heroi; Victor Hugo de Azevedo Coutinho é o funcionario. Um foi o que se bateu; o outro, o que colhe. Pertenceram ambos à Armada, da qual um ainda faz parte, o que devora; o outro demitiu-se na hora em que a republica venceu.

Companheiro de Mousinho de Albuquerque, dessa legendaria figura marcial de portuguez à antiga, João de Azevedo Coutinho jámais gosou duma situação de favoritismo. Trabalhava a leirar os campos longinquos, fortalecendo a legenda de Portugal e cimentando o seu renome de heroi.

Desde guarda-marinha que fez na Africa a sua carreira; avassalou o régulo de Sanaoge; bateu-se em Infusse, tomou Chilono, submeteu a capital dos Makololos, aprisionando o filho do regulo. Começou, assim, com 21 anos, Azevedo Coutinho, João; a êste tempo, o outro saiu tambem da da escola naval, mas não se saberia cousa alguma de sua biografia, a não ser ter nascido em Macau, e isto apenas era estenso até aos limites dos papeis officiais. Serpa Pinto, o grande explorador de Africa, teve naquella continente um auxiliar poderosissimo e apreciou a ponto de dar a uma das vilas, que fundou no Chire, o nome do bravo tenente. Ele não parava; cada uma das suas pègadas era um avanço para a glo-

ria: Mechiolo, Masea, Katunga tornaram-se padrões de epopêa. Jámais deixava de lidar e fazia tantos sobas vassallos como um Afonso de Albuquerque moço nas suas proezas do Indústão.

Assim, vencendo, abrindo caminho de triunfos, devastando aringas, implantando a bandeira da patria nos terrenos conquistados, foi embelezando a sua carreira e entrelaçando-a nas paginas da historia patria.

Concederam-lhe a Torre e Espada, deram-lhe o modesto governo da Zambezia, e, ao entregarem-lhe a condecoração por seus feitos, êle, chorando, reparou que a tinham mandado cravejar de brilhantes e safiras. Foi logo submeter o régulo do Barué, um negralhão poderoso, que abusara da sua força. Venceu e aclamaram-no, no seu regresso ao reino, como benemerito da patria.

Por esta epoca, o outro, o Azevedo Coutinho — Victor Hugo — andava numa fiscalisação de pesca ou nalguma função subalterna em qualquer dos navios — então ainda havia bastantes — viajando em lugar apagado e com o peso sobrehumano dum nome e duns apelidos ajujantes. Victor Hugo! e o official, porque não tinha talento literario, não se atrevia a escrever; Azevedo Coutinho! e o marinheiro não se atrevia a combater, porque lhe falhava a febre guerreira.

Depois do Barué — o consagrado Azevedo Coutinho — João, não se ficou, calmamente, a aguardar favores; voltou a bater-se com o peito coberto de medalhas. O seu nome andava nas folhas dos jornais e nos rótulos das latas de bolacha; bebia-se Azevedo Coutinho, comia-se Azevedo Coutinho, respirava-se Azevedo Coutinho em Portugal e o heroi voltou para a Africa e praticou mais feitos. Exerceu o governo geral de Moçambique. Ganhara bem com o seu sangue derramado por alguns ferimentos, pelo seu valor e heroismo, a honra que lhe dispensavam. Pouca gente conhecia o outro, o de nome identico; levava na Armada o seu subalternismo mas devia envaidecer-se dos seus apelidos. De repente, trambulha o trono; junto do rei estava o heroi a querer ainda ampará-lo; ligou-se à fé que jurara e seguiu a sorte do vencido. Azevedo Coutinho, grande soldado de Africa, era o lealissimo soldado da monarchia.

Acêrca de Victor Hugo apenas se conhecia o francês. Continuava sendo — o português — o mesmo official apagado, sumido, sem carreira de vista. O valoroso já não vestia a farda que honrara mas parte dos marinheiros republicanos e feros faziam a continencia quando topavam na rua esse homem que dignificara o uniforme legendario.

Alcachofrou, então, o que não produzira cousa alguma de natural. A republica aproveitara-o. Iniciava a sua carreira politica pela presidencia efemera dum singular ministerio; o que o público chasqueante tituló dos *miseraveis* de Victor Hugo. Democratico, acomodaticio, fazendo pela vida, de nada chegou a ministro.

Do que enobreceu os apelidos não se sabia senão que, bravamente, se batia ainda pela sua Causa e entrava no seu país para ir buscar, em certa noite, os marinheiros conjugados para a rebelião. Um republicano que se distinguira na Rotunda, o tenente Matias — viu-o do seu quartel. fardado, com as condecorações, junto da porta do reducto da Armada e tanto respeito lhe inspirava essa figura que não ordenou aos seus soldados da guarda o fogo que podia chacinar o bravo cujo nome — o antigo e honrado sargento — aprendera como o dum vulto da historia do seu país. Depois bateu-se no Monsanto, esteve preso, foi julgado, poz-se a trabalhar para viver, o bravo, o valoroso, o grande Azevedo Coutinho.

O portador de apelidos iguais aos seus, o desconhecido de sempre, alçava-se, subia, guindava-se, chegava ao cume, até ir dominar na provincia que o outro regara com o seu sangue.

De João de Azevedo Coutinho já não falam os jornais. A historia selou o seu nome em paginas inapagaveis; do triunfador de agora rezam as gazetas republicanas, que vai ganhar 500 contos por ano, levando um estado maior, que o triunfador de hontem jámais teve, nem mesmo na guerra.

Daquele diz a Patria — a Nação — Heroi! Dêste diz a *Patria*, jornal, o seguinte:

«Comunicam-nos do ministerio das Colonias que e pessoal que acompanha o sr. Azevedo Coutinho, é o seguinte: chefe de gabinete, o coronel sr. Ivens Ferraz; secretario particular, o major de infantaria sr. Mario de Azevedo Coutinho: ajudante de campo, o segundo tenente sr. Duarte Silva; secretário do interior, o sr. Moreira da Fonseca, que actualmente exerce as funções de governador da provincia; secretário das finanças, o sr. Ribeiro Gomes, e do fomento, o engenheiro sr. Sá Carneiro.»

Nada temos a opôr a estes primeiros lugares providos pelo novo Alto Comissario em Moçambique. Apenas nos parece que, para secretario particular, bem podia escolher um official de menor patente, visto que prefere um militar. Sempre haveria uma tal ou qual economia nos gastos com o pessoal, não falando nos 430 coptos que á provincia vai custar o novo alto funcionario e mais as 10 libras diárias, quando se deslocar da séde do govêrno.»

E aqui tem o meu amigo, jornalista de Londres, o abismo que ha entre os dois Azevedo Coutinho: um regou com sangue a provincia, o outro vai colher, após êsse sangue, uma farta ruma de libras.

A 2.^a Serie dos "FANTOCHES"

A começar em 5 de janeiro

E' quando completa um ano este panfleto, que tanto tem agradado, e apresentar-se-hão algumas modificações interessantes. Alem da critica aos

Factos da Semana

publicará nalguns numeros

Revelações sensacionais sobre varios acontecimentos do nosso tempo

como por exemplo

OS BASTIDORES DE 14 DE MAIO—MACHADO SANTOS, INTIMO—PORQUE FOI MORTO ANTONIO GRANJO?—O ASSASSINO DE JOÃO DE FREITAS—O HOMEM QUE A RAINHA FIXOU NO DIA DO REGICIDIO—CONSPIRADORES MONARQUICOS DIRIGENTES DA REPUBLICA—OS DOS NEGOCIOS ESCUROS—COMO SE ASSALTOU O MUSEU DA REVOLUÇÃO—OS HEROIS DA RUA—COMO SE GUARDOU O CADAVER DE SIDONIO, o que constitui trechos de *Memorias Historicas, Reminiscencias de Conversas*. NOTAS SOBRE ALGUMAS SINGULARES PERSONAGENS ETC.

Não perderá esta publicação a sua característica, não falhará ao fim para que foi creada, constituirá um album ousado de critica contundente, amarga, aos acontecimentos com algumas cousas curiosas a revelar ao leitor aquilo as quaes nem sempre se pódem intercalar nas memorias que o auctor decidiu escrever e das quais já estão publicadas. D. MANUEL II—SIDONIO PAES—MONARQUIA DO NORTE—JOÃO FRANCO E O SEU TEMPO (em publicação no A B C)—faltando a MARÉ DE SANGUE (o 19 de outubro) a PRIMEIRA INCURSÃO e um livro de maior tomo, com documentos ineditos, sobre

El-rei D. Carlos

mas o que se inserirá nos *Fantoches*, sempre que seja possivel, serão as esquirolas de outras analyses que não podem ficar perdidas. Quando os acontecimentos da semana o permitirem elas serão publicadas. Está aberta a assinatura para a 2.^a Serie dos

Fantoches

e com a proxima finalisação da primeira enviamos os mais penhorantes agradecimentos ao leitores que tão dedicadamente nos tem acompanhado, aconselhado e seguido.

